

O CONTEÚDO AFETIVO NO CURRÍCULO ESCOLAR¹

Adalvo da Paixão Antonio Costa²

Globalização é o termo da moda, e o mundo todo faz parte de uma imensa aldeia em que as coisas e seres estão interligados por uma poderosa rede imaginária virtual, mas com nem tantas virtudes. As exigências aos profissionais de toda e qualquer profissão aumentam mais e mais a cada dia. Cursos de todos os tipos surgem num piscar de olhos, visando atender a parcelas específicas do mercado que exigem especialistas naquela área de conhecimento. Profissões até então tidas como esquisitas, exóticas, já têm cursos universitários com fantásticas grades curriculares que impressionariam até mesmo Leonardo da Vinci, cujo espírito científico e qualidades de pesquisador são inquestionáveis.

Ser o melhor em sua profissão ou pelo menos tentar ser é uma questão de sobrevivência. A mídia bombardeia a tudo e a todos com uma imensa carga de novas informações a cada instante. As publicações se multiplicam numa velocidade espantosa, tanto que já é humanamente impossível acompanhar tudo que o mercado editorial lança nas diversas áreas do conhecimento. Em educação é preciso estar acompanhando tudo, ou quase tudo. Aí então surgem as especializações, para que o profissional se defina por uma área de estudos, de pesquisa e trabalho. Mas, e as outras áreas? Aconselha-se não negligenciá-las. É bom periodicamente dar um passeio pelas livrarias e conhecer os penúltimos e últimos lançamentos de cada área. Se houve acréscimo ao pensamento já instituído, se os novos paradigmas são considerados de vanguarda ou apenas repetem modismos de ontem. Enfim, é preciso estar atento, para não perder o bonde da história (ou seria o metrô?).

Não faz muito tempo que, para ser um bom profissional bastava ter conhecimento técnico, dominar as artes e manhas de um ofício, conhecer as ferramentas e saber como usá-las para solucionar todo e qualquer problema que por ventura surgisse no dia-a-dia. Esse tempo já se foi, e hoje não basta saber colocar os pingos nos "is", é preciso saber o que há por trás dessa intenção, dar atenção às emoções, aos sentimentos, aos sofrimentos, para que de fato haja qualidade no fazer, senão o trabalho vira uma tarefa de robô.

Em todas as áreas profissionais, empregadores com visão de futuro buscam ajuda de todo o tipo de especialista em natureza humana. Psicólogos, Assistentes Sociais, Terapeutas Corporais, etc., têm um promissor mercado de trabalho pela frente, pois já se percebeu que o técnico, que até a algum tempo faria seu trabalho com boa qualidade,

se acompanhado e orientado em seus aspectos subjetivos, suas emoções, seus sentimentos, produzirá com excelente qualidade.

A atenção ao que pensa e sente o homem, para alegria de familiares e colegas de trabalho, ganha adeptos por toda parte. Todas as grandes e conceituadas empresas, que prezam pela qualidade na produção de produtos e seres felizes, têm um programa destinado ao acompanhamento de seus funcionários. Os sentimentos já não devem ser matéria prima só dos poetas, têm que ser trabalhados, monitorados e valorizados constantemente.

Pela educação passa a formação de todos os profissionais de qualquer profissão; todos nós fomos crianças e experimentamos os sabores e dissabores de inúmeras e variadas metodologias, nas quais sempre deveriam constar algumas palavras de praxe, lembrando ao educador que com a criança deveriam ser trabalhados os três aspectos determinados pelas ciências da educação: a cognição, a afetividade e a psicomotricidade.

Não podemos negar que isso ocorre em todas as salas de aula onde crianças recebem instrução. De certa forma todas têm acesso mais ou menos a esses benefícios educativos, mas quando o menos prevalece há o desequilíbrio na formação, principalmente quando o afetivo é negligenciado, provocando os traumas, medos, recolhimentos interiores, que vão prejudicar o adolescente e o futuro adulto profissional em sua carreira. Ao educador cabe essa enorme responsabilidade, modelar os sentimentos de crianças, ensinar-lhe que suas emoções também são cognitivas, para que sua auto-estima sempre esteja em níveis de alcançar o sucesso, como pessoa e como profissional. Essa missão só é possível para educadores que vejam a profissão com olhos exemplares, que não a tomem como "castigo" ou falta de opção melhor, mas que façam dela a melhor opção para se ajudar ao outro. Assmann (1998, p.34) diz que:

o reencantamento da educação requer a união entre sensibilidade social e eficiência pedagógica. Portanto, o compromisso ético-político do/a educador/a deve manifestar-se primordialmente na excelência pedagógica e na colaboração para clima esperançador no próprio contexto escolar.

EDUCAÇÃO: NOVOS CAMINHOS

O panorama educacional brasileiro apresenta uma série de problemas que já assumiram uma feição crônica aos olhos dos pessimistas e dos maus administradores. Diversos estudos e pesquisas demonstram que convivemos com inúmeros e graves problemas,

como o elevado índice de analfabetismo, o elevado número de crianças das classes populares excluídas da escola, a má qualidade do ensino que é ministrado a essas crianças, a repetência, a evasão e tantos outros desafios que às vezes parecem sem solução.

O quadro pintado parece desanimador, não porque as cores sejam horríveis - isso não existe -, as combinações de cores é que foram feitas por pessoas incompetentes, que desconhecem o jeito correto de manipular a paleta, de proporcionar às cores da educação a policromia que ela merece.

Grandes mudanças vêm ocorrendo no setor. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional vem propor e, por que não dizer, impor prazos aos profissionais da educação que ainda não têm o curso superior, para que o façam o mais rápido possível. E isso vem ocorrendo. A superação de sacrifícios tem levado às faculdades um grande número de educadores que já estão há muitos anos na prática em salas de aulas, e que agora sentiram a necessidade de ampliar seus estudos e ao mesmo tempo cumprir o que determina a lei, além da grande exigência do mercado de trabalho, que está cada vez mais seletivo.

A volta aos bancos escolares desses trabalhadores da educação coloca-os em contato com jovens em início de carreira acadêmica e profissional, e com professores pesquisadores, o que torna seu aprendizado mais rico. Entendemos que para o trabalhador/educador/estudante superar o conhecimento intuitivo que permeia a sua prática, tem que interagir com outros sujeitos, propiciadores de uma visão mais científica e mais filosófica dos fatos, e que através de estudos desenvolva questionamentos que o ajudam a se identificar com os grupos promotores de mudança.

Por mais alguns anos esse será o perfil dos estudantes dos cursos de formação de professores. Pessoas comprometidas com uma família já constituída, com a escola onde trabalham e com a escola onde estudam. Pessoas que enfrentam e superam três jornadas de responsabilidades, que somam e dividem seus conhecimentos e afetos entre as três instâncias por meio das quais suas vidas se constroem.

Com essa clientela de estudantes/trabalhadores, os cursos de formação de professores levam às escolas, todos os anos, uma enorme quantidade de estagiários com variada experiência em educação. Alguns estarão em regência de classe pela primeira vez, enquanto outros estão em vias de se aposentar na profissão. Essa heterogeneidade de

experiências e estilos torna o trabalho desafiante, pois não existem duas realidades idênticas, e todos acabam aprendendo muito ao querer ensinar.

CAMINHANDO COM A PRÁTICA

Chegou o momento de ir para a escola cumprir o estágio de Prática de Ensino, e por mais experiência que o aluno tenha em regência de sala de aula, sempre há o temor de que as coisas não aconteçam como desejado. Isso porque o desejo de fazer bem feito é maior que as dificuldades que todos nós sabemos existir em nossas unidades escolares, o que provoca uma ansiedade natural, talvez medo do desconhecido. Como o estágio é um exercício de ensino/aprendizagem, aprendemos com os nossos medos e anseios: "A sociedade do conhecimento é uma sociedade aprendente que, como a vida, se flexibiliza, se adapta, instaura redes de relações e cria. Educar é fazer experiências de aprendizagem pessoal e coletiva" (BOFF apud ASSMANN, 1998, p.12.)

Em todos os períodos do curso superior o aprendizado é intenso, com inúmeras leituras de modernos e antigos textos, sob o brilho de novos olhares. Apresentações e seminários para o treino dos menos experientes, que também aprendem com o acerto e o erro dos outros. Objetivos, conteúdos, metodologias, recursos, avaliações, bibliografias, com muitas, muitas páginas de livros, periódicos e de vida, para serem lidas e assimiladas, às vezes em pouquíssimo tempo.

Com o ensino objetiva-se a mudança de comportamentos, e ele é também o processo que leva à efetivação de um outro processo, o da aprendizagem, orientando sua efetivação nos setores cognitivo, afetivo e psicomotor.

A Prática de Ensino é o exercício ordenado e regular de manipulação de conhecimentos que se destinam à aprendizagem. Tem o propósito de efetivar as intenções do conceito da educação e de habilitar cada aluno a orientar a sua própria aprendizagem, com iniciativa e confiança em si. Objetiva também a busca do desenvolvimento da criatividade e do entrosamento com outras pessoas para poder participar de maneira sadia, responsável e eficiente da sociedade da qual faz parte, para a qual contribui e da qual depende.

A TEORIA NA PRÁTICA

Como observamos antes, o aluno estagiário sente-se inseguro, mas tem consciência de sua responsabilidade na efetivação do trabalho de Prática de Ensino, e toda a carga teórica acumulada ao longo do curso deverá subsidiar o planejamento das atividades a serem desenvolvidas ao longo do estágio.

Planejar as aulas não é tão difícil. Selecionar as atividades práticas e fundamentá-las com a filosofia de grandes teóricos é um ótimo exercício pedagógico. Para muitos alunos-mestres que já atuam em escolas das redes de ensino privada e pública, não há dificuldades em organizar ricas coletâneas de dinâmicas a serem aplicadas nas sessões pedagógicas com seus sujeitos/clientes de estágio.

É preciso lembrar que o temor natural do estagiário de Prática de Ensino não reside no ato da aula em si, com a sua clientela, mas no resultado imediato a esta, pois eles sabem que estão sob avaliação constante. Além do professor orientador de estágio e do professor regente de classe, há que se preocupar na verdade com os mais diretamente afetados com o sucesso ou insucesso das atividades propostas durante as aulas, os alunos da classe onde ocorre o estágio. Cada aula torna-se um desafio, e dependendo de como se dá o primeiro contato, os próximos encontros poderão ser menos preocupantes. Mas tudo isso pode ser prevenido durante o planejamento.

Todos os pré-requisitos cumpridos ao longo do curso de graduação, objetivando a instrumentalização do estudante, servem agora de lastro ao planejamento das aulas de estágio, quando é preciso levar em conta o contexto em que está comprometido o indivíduo, considerando o meio físico, social e cultural que dele se acerca. E enquanto membro efetivo desse contexto, ele é a própria realidade em sua essência, a partir da qual, cognitiva, motriz e afetivamente a realidade exterior vai tomando forma e sentido na construção de uma profissão e de um profissional.

A aceitação ou negação da realidade direcionará a prática do profissional que se forma e se transforma e tem por missão provocar mudanças nessa mesma realidade da qual faz parte e na qual deve agir e interagir com e para os seus semelhantes.

A reflexão é um exercício necessário e constante. Todo o arcabouço teórico deve ser utilizado em seu dia-a-dia, para que a prática não se torne um mero fazer, com atividades retiradas dos manuais e coletâneas e aplicadas sem o estímulo ao pensamento crítico. O professor-fazedor-pensador-provocado é formado assim e tem se tornado um

elemento importante e necessário nos meios escolares, pois teoriza sobre sua prática e fomenta a discussão sobre quem é quem na construção da realidade individual e coletiva, que se revela aos seus olhos. Falamos aqui de uma realidade que pode ser transformada para o bem, quando esta ainda não proporciona felicidade a quem dela experimenta. A educação é promovida para que, por sua vez, promova mudanças na sociedade e possibilite uma melhor qualidade de vida a seus membros. Assmann (1998, p. 29) nos diz que,

uma sociedade onde caibam todos só será possível num mundo no qual caibam muitos mundos. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social.

Cabe ao aluno de Prática de Ensino, como a qualquer profissional da educação, colocar em prática todo o seu conhecimento teórico, lembrando que a felicidade individual e social de que nos fala Assmann tem sua origem nas conquistas que podemos alcançar com a ajuda de pessoas que se dispõem a uma prática social para o bem comum.

CONVIVÊNCIA PEDAGÓGICO-EMOCIONAL

Todo planejamento didático, principalmente aquele destinado ao trabalho com crianças e adolescentes, traz em si uma série de objetivos que privilegiam aspectos afetivos da educação, que, sendo promotora do fenômeno social, tem que necessariamente fazer uso dos fundamentos emocionais do social.

Em toda convivência social, e nela o trabalho pedagógico, há o uso intenso das emoções, pois somos seres essencialmente emocionais, que produzimos a partir do que sentimos. Para Maturana (1998, p.23), "não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção", que influencia comportamentos e às vezes dita as regras a serem seguidas, sob circunstâncias diversas.

O novo sempre causa apreensão, até que se torna rotina, e não é diferente com o estagiário neófito em regência de classe, mesmo quando o assunto da aula é do domínio. Isso pode levá-lo a não render o que realmente poderia render, mas é preciso não se deixar levar apenas pela primeira experiência.

Na primeira etapa do trabalho temos que responder a uma série de perguntas comuns aos empreendimentos pedagógicos, cujas respostas subsidiarão o planejamento, norteando todas as tomadas de decisões para que o trabalho alcance o sucesso desejado. Inicialmente, é preciso conhecer a realidade da escola-campo onde o estágio se efetivará, as características sócio-econômicas, religiosas, culturais, raciais e étnicas da clientela a ser atendida e que atenderá aos estagiários em suas classes/laboratórios. É muito bom que se obtenham informações sobre o perfil familiar dos meninos e meninas que são atendidos pela unidade escolar e sobre o envolvimento de seus pais e/ou responsáveis na rotina de reuniões e promoções pedagógico-culturais que costumam e devem ser freqüentes em ambiente educativo.

Aqui o aluno-mestre levantará várias questões sobre sua clientela e sobre o atendimento que esta vem recebendo até então. As respostas a essas perguntas podem surpreender tanto o jovem e inexperiente estagiário quanto aqueles com uma longa carreira no magistério, pois o afetivo sempre virá antes, determinando as emoções, apesar de nem sempre isso ser levado em conta nos agrupamentos humanos. Ainda é Maturana (1998, p.23) quem nos diz que "o amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social", porque nem toda convivência está fundamentada em bases de amor, o que, para a educação é causa de grandes prejuízos.

Para o estagiário, o desejo de provocar boas mudanças, mesmo que por pouco tempo, é inevitável. Ninguém com ótimas qualidades humanas fica indiferente quando percebe que pode contribuir para o bem de uma determinada realidade. Não há como negar que um bom rendimento cognitivo depende de um bom equilíbrio emocional que, por sua vez, é originado no convívio harmonioso entre pares de uma mesma realidade social.

Ao assumir uma sala de aula todo e qualquer profissional da educação deve se esforçar para não fazer uso dos velhos defeitos de formação, tais como: preconceitos, tabus, indiferença, etc., que atrapalham possíveis e promissores relacionamentos, cujos ganhos em ensino e aprendizagem poderiam ser extremamente significativos.

Devemos partir do princípio de que em educação, como em qualquer outro setor profissional, a valorização do ser deve vir antes de qualquer coisa, pois antes de ser aluno, professor, servente, vigilante, etc., o indivíduo é uma pessoa, dotada de raciocínio, de sentimentos, de desejos e expectativas de ver no outro a confirmação do bem e do carinho natural que deve existir entre os seres. "Num mundo com caminhos tão tortuosos, se começássemos a dar e receber carinho e respeito aos amigos, aos

vizinhos, e ampliássemos esse círculo, quem sabe poderíamos lançar uma semente de paz e nos realizarmos como seres humanos” (CASTRO, 1998, p.18).

O EXERCÍCIO DO AFETO

Quando os alunos estagiários chegam à escola para se apresentar e conhecer seus parceiros de trabalho, costumam ser muito bem recebidos, afinal de contas são caras novas, com novas idéias e às vezes com propostas bem ao estilo das crianças, com o lúdico permeando toda a oferta de conteúdos. A simpatia costuma ser recíproca e a afeição se instala entre seres em particular ou entre grupos. O contato, que ocorrerá por pouco tempo, costuma provocar algum ciúme na professora titular da turma, mas isso é passageiro, pois aquelas aulas “diferentes” fazem seus meninos e meninas mais felizes.

O aluno-mestre não comparece à escola por toda a semana e isso faz com que sua aula seja sempre esperada com muita expectativa e, por que não dizer, saudade. A atenção dispensada aos alunos, o jeito carinhoso de chamar a atenção, até por saber que no dia seguinte não voltará, torna o relacionamento mais especial que o normal do dia-a-dia com qualquer turma. Isso facilita o desempenho do estagiário e a compreensão, pela turma, da proposta de trabalho. Marchand (1985, p. 19) assegura que:

[...] na prática pedagógica que coloca frente a frente o educador e o aluno pode surgir atração ou repulsão como resultados do confronto entre dois caracteres. Todas estas atitudes sentimentais influem sobre as metodologias, com o risco de alterá-las, e provocam na criança rudes transformações afetivas mais ou menos desfavoráveis ao ensino.

Quando encontramos alguém que nos dá por um momento aquilo de bom que não recebemos por uma vida, tornamo-nos presas fáceis. Com a criança não é diferente. Em famílias desestruturadas, em que o afeto já não é de uso comum, as crianças tornam-se arredias e carentes, com a auto-estima muito baixa. Chegar até elas pode demorar um pouco, mas quando sentem o calor de um sorriso, de um afago, baixam sua guarda e deixam-se levar com muita facilidade. Maturana (1998, p. 22) ensina que “o amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência”

Ao se tornar um ser importante na existência do outro, o aluno-mestre empresta mais do seu afetivo ao planejamento das atividades. Os conteúdos são selecionados visando um endereço certo e a cognição pode ser alcançada por caminho considerado por muitos o menos provável. Razão, emoção, cognição, coração não impedem que exista a

cientificidade do saber, pois cientistas também experimentam os mesmos caminhos para chegarem aos seus objetivos. A criança pode ser artista e cientista ao mesmo tempo.

Quando o adulto separa a emoção das coisas consideradas sérias, elimina parte da seriedade de suas ações, pois falta o toque humano, a poesia em seu fazer, tornando-se às vezes muito árido em seus relacionamentos. Sua criança está adormecida ou, quem sabe, "morta": "O modo como as necessidades foram atendidas na infância tem influência direta no tipo de adulto que a pessoa se torna, pois é a partir daí que obtém informações de si mesma, dos outros e da sua aceitação no mundo" (CASTRO, 1998, p. 18).

Tem sido comum em nossos dias o crescente afastamento das pessoas no interior dos aglomerados humanos. Costuma-se estar muito perto e, ao mesmo tempo, infinitamente longe. Na família isso vem ocorrendo com maior incidência, seja pela diversidade de interesses, divergências conjugais e/ou filiais ou pela pobreza que isola e assola relacionamentos, com suas carências materiais e/ou afetivas. A solidão desumaniza, embrutece, faz a pessoa virar um objeto dos outros. Para ser de fato uma pessoa, é preciso ser reconhecida como tal por outras pessoas.

A educação precisa cuidar para que as crianças tornem-se pessoas. Pessoas crianças, adolescentes e adultas. Que saibam se ver como pessoas e seu conseqüente reflexo em outras pessoas. Que saibam receber e irradiar afeto com naturalidade. Knobel (1992, p. 41) diz que "é tremenda a quantidade de afeto solto, vibrante, vital que requer e pode ser canalizado, dirigido, satisfeito. Quem dá, recebe: uma vida verdadeiramente humana é uma constante troca de afetos (sem preconceitos e condições)".

PARA NÃO CONCLUIR

Espera-se que por meio da educação chegue-se às satisfações que a vida promete, no resgate de um mundo que seja significativo. De acordo com Saltini (1998), para que isso aconteça, faz-se necessário que se amplie o investimento afetivo nas inúmeras relações que se estabelecem em nosso meio, tais como: adulto/criança, professor/aluno, mestre/discípulo, mãe/bebê, amigo/amigo, para que se construa não somente o físico desse ser humano, mas acima de tudo o homem-ser, capaz de inventar, criar, renovar e descobrir a si mesmo e ao outro.

A educação deve ser um processo que permita ao indivíduo chegar a ser sujeito de sua ação e de suas abstrações, e não o objeto de outro sujeito. O sujeito, graças a sua capacidade de assimilar e acomodar, auto-constrói sua identidade, auto-transforma a si mesmo e se auto-regula. Quem se educa, transforma seu mundo interior e exterior. Para Saltini (1998), a educação é uma iniciação à crítica, à interpretação e à transformação do mundo, inovando-o.

O ser humano é sentimento em sua essência. E quando se sente feliz junto àqueles que o cercam, torna-se mais receptivo, mais aberto a mudanças, ao aprendizado de conteúdos e de vida.

A sala de aula é o espaço de encontros de professores e alunos, em permanentes ou temporários relacionamentos, como nos estágios de Prática de Ensino, em que laços são criados entre pessoas que talvez jamais se vejam após o trabalho concluído, mas que deixam suas marcas quando as ouvem, tocam, fazem sentir-se importantes. Ou quando emprestam seus pescoços num abraço e os ouvidos a frases assim: "Você vai voltar amanhã, tia?".

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação:** rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTRO, Valéria de. **O ser emocional:** vencendo barreiras e buscando qualidade de vida no trabalho e com a família. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

KNOBEL, Maurício. **Orientação familiar.** Campinas: Papyrus, 1992.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador.** São Paulo: Summus, 1985.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

1- Artigo publicado originalmente na Revista de Educação da FAESA. Vitória, v.1, n.1, ago. 2000/ fev. 2001.

2- Adalvo da Paixão Antonio Costa é Arte-Educador, doutorando em Educação.

E-mail: adalvocosta@terra.com.br

adalvocosta@gmail.com